

## LIÇÃO 11 – A ÚLTIMA CEIA

Subsídio elaborado por Inacio de Carvalho Neto. E-mail do autor: [ibcneto@inaciocarvalho.com.br](mailto:ibcneto@inaciocarvalho.com.br).

### Comentários iniciais:

#### **Introdução:**

- Para iniciarmos o estudo desta lição, devemos observar que o seu título precisa ser entendido nos seus devidos termos: por que **última** ceia? O texto de Lc. 22, que nos serve de base, relata, na verdade, a **primeira** ceia, que foi instituída por Cristo no dia da Páscoa.
- Mas esta foi também a última ceia de Jesus na Terra. Ele deixou claro que só voltará a comer da ceia com os cristãos lá no céu, depois do arrebatamento. Por isso, o título de “última ceia” à lição, referindo-se à primeira e última ceia de Jesus na Terra.
- Para nós, aquela foi a primeira ceia, de uma série de muitas que comemos e comeremos aqui na Terra, até que Cristo venha nos buscar.

#### **Antecedentes históricos da última ceia: conceito de Páscoa:**

- Para que possamos entender a ceia, é inevitável começarmos com a Páscoa, não apenas porque foi no dia da Páscoa que Jesus instituiu a Ceia, mas também porque a Páscoa apontava para Cristo, como uma figura; e a Ceia aponta para Cristo, como ato memorativo.
- A palavra Páscoa deriva do hebraico *pessach*, que significa “passagem”, referindo-se ao fato de o anjo da morte dos primogênitos ter “passado por cima” das casas dos hebreus ao ver o sangue do cordeiro nos umbrais das suas portas.
- A Páscoa é, para os judeus, uma oportunidade para se lembrarem anualmente, festejarem e adorarem a Deus pelo grande livramento da escravidão do Egito. Foi a passagem da escravidão para a liberdade.
- Simbolicamente, Cristo é o nosso Cordeiro Pascal; Ele morreu para nos trazer a redenção, nos livrar da escravidão do pecado e sua condenação eterna. Como pecadores, estávamos destinados a experimentar a ira de Deus, mas Cristo morreu em nosso lugar e com o Seu sangue nos redimiu dos nossos pecados (1Co. 5.7). Portanto, para os cristãos, a Páscoa é a passagem da morte dos nossos pecados para a vida de santidade em Cristo.
- No Egito um cordeiro foi sacrificado para cada família. Na cruz, o Filho de Deus morreu pelo mundo inteiro.
- Para os egípcios, a Páscoa significou o juízo divino final sobre o Egito, Faraó e seus deuses. Deus já tinha avisado Faraó e os egípcios de várias maneiras, inclusive com as 9 pragas anteriores, que agiram numa escala ascendente de gravidade, para alertá-los do mal que estavam cometendo ao desobedecer a Deus.

- Antes que alguém possa acusar Deus de crueldade ao matar “crianças inocentes”, lembremos de que o próprio Faraó já havia mandado matar todos os meninos (não só os primogênitos) de Israel (Ex. 1.16,22), de maneira que o povo egípcio merecia essa “maldade”. Além disso, os egípcios eram extremamente idólatras, e as crianças já nasciam idólatras, e a pena para a idolatria é a morte.

- Deus é longânimo, misericordioso, e deseja que todos se salvem (2Pe. 3.9b). Mas Ele também é um juiz justo que se ira contra o pecado (Sl. 7.11). A última praga, a matança de todos os primogênitos, foi o juízo final sobre os egípcios, uma noite terrível.

- Deus determinou um novo começo para o povo de Israel (Ex. 12.2). A páscoa, que fazia Israel lembrar-se de sua libertação da servidão egípcia, assinalaria uma nova fase; a páscoa marcava o começo do ano.

- Este mês refere-se a Nisã (março-abril), o qual, no calendário eclesiástico pós- exílico, marcava o começo dos meses (ver Lv. 23.5,23-25). De acordo com o calendário agrícola mais antigo, o ano novo começava no nosso outono (primavera em Israel) (Ex. 22; 23.16; 34.22).

- Os acontecimentos aqui registrados ocorreram no sétimo mês do ano civil, que começava em setembro-outubro. Mas o ano religioso passou a começar nesse tempo. Dotado de um novo calendário, o povo de Israel recebia uma nova identidade, como o povo favorecido por Deus, a caminho de volta à Terra Prometida. Dessa maneira teria cumprimento certo aspecto do Pacto Abraâmico (ver Gn. 15.18), porquanto Israel teria um território pátrio.

- Doravante, Israel teria dois anos, um civil e outro sagrado. O ano civil começava no mês de Tisri, no outono, ao encerrar-se a colheita; e o ano sagrado começava no mês de Abibe (mais tarde chamado Nisã), seis meses antes. Até hoje Israel ainda considera o mês de Abibe (ou Nisã) como o início de seu ano sagrado, e Tisri como o início de seu ano civil.

- Pelo fato de a Páscoa assinalar um novo começo para Israel, o mês em que ela ocorreu (março/abril em nosso calendário) tornou-se o primeiro dos meses de um ano novo para a nação. O propósito foi lembrar ao povo que sua própria existência como povo de Deus resultou do seu livramento do Egito, mediante os poderosos atos redentores de Deus.

- Por curiosidade, são os seguintes os meses do calendário hebreu, com a devida correspondência e as festas sagradas:

- 1) Nisã ou Abibe (Ex. 13.4, 23.15, 34.18; Dt. 16.1; março/abril; páscoa – Lv. 23.5, pães asmos – Lv. 23.6 – e primícias da colheita – Lv. 23.10); a palavra Abibe significa “espigas verdes”, pois nessa época começava a colheita;
- 2) Liar ou Iyyar ou Zive (1Rs. 6.1,37; abril/maio; segunda páscoa – Nm 9.10-11);
- 3) Sivã (Et. 8.9; maio/junho; pentecoste ou festa das semanas – Lv. 23.16);
- 4) Tamuz (junho/julho);
- 5) Abe (julho/agosto);
- 6) Elul (Ne. 6.15; agosto/setembro);
- 7) Tisri ou Etanim (1Rs. 8.2; setembro/outubro; trombetas – Nm. 29.1, Lv. 23.24 –, dia da expiação – Lv. 23.27 – e tabernáculos – Lv. 23.34);
- 8) Maresvã ou Marchesvã ou Bul (1Rs. 6.38; outubro/novembro);
- 9) Quisleu ou Quislev (Ne. 1.1; novembro/dezembro; dedicação – Jo. 10.22);
- 10) Tebete (Et. 2.16; dezembro/janeiro);
- 11) Sabate (Zc. 1.7; janeiro/fevereiro; purim – Et. 9.24-32);

12) Adar (Et. 3.7; fevereiro/março).

- Para manter a relação dos meses lunares com o ano solar, era necessário acrescentar periodicamente um 13º. mês, chamado “2º. Adar”. Os meses judaicos normalmente são identificados nas Escrituras pelo número, e não pelo nome.

- A lei da religião acerca de dias, semanas, meses, anos e forma de adoração foi totalmente abolida no Novo Testamento. Não se faz menção a nenhum mês em particular em todo o Novo Testamento, enquanto que são encontradas 158 referências no Antigo Testamento. Paulo condena a observância dos dias, dos meses, das épocas e dos anos, e o respeito para com feriados, a lua nova ou os dias de sábado como eventos essenciais para a salvação na nova aliança (Rm. 14.5-6; Gl. 4.9-10; Cl. 2.14-17).

- Para que os israelitas fossem poupados da praga da morte, em cada casa um cordeiro sem defeito teve de ser imolado, e seu sangue aspergido nos umbrais das portas. Isto significava que, ao matarem o cordeiro, os israelitas estariam derramando sangue inocente, e o animal sacrificado servia de substituto do primogênito que seria morto naquela casa. Desse ponto em diante, o povo hebreu entenderia com clareza que, para ser poupado da morte, uma vida inocente deveria ser sacrificada em seu lugar.

- Não é que o próprio sangue do cordeiro na porta teria o poder de livrar os israelitas da morte. Ele apenas simbolizava a morte de um animal inocente para expiar a culpa. O que realmente foi importante na colocação do sangue na porta foi a obediência. Aqueles que obedeceram incondicionalmente à ordem de Deus de colocar o sangue na porta, mesmo sem entender direito o significado dessa ordem, salvaram-se da morte dos primogênitos.

- Obedecer incondicionalmente é obedecer sem questionamento, e sem querer fazer à sua própria maneira, como fazia Saul (1Sm. 15.1-23). Deus não mandou que eles pensassem a respeito e fizessem da forma como queriam, ou apenas se concordassem com o que Ele tinha estipulado. Ele mandou eles fazerem tudo conforme foi prescrito; eles só teriam que obedecer, nada mais.

- Nem toda ordem deve ser explicada ou justificada; a obediência deve ser incondicional, mesmo quando não entendemos as razões da ordem. Imagine-se se, numa guerra, o comandante tiver que explicar e convencer os seus subordinados de todas as suas ordens para que eles a cumpram; muitas vezes não haverá tempo e todos morrerão.

- O sacrifício era feito à tarde. Logo, tratava-se de uma festa noturna, celebrada durante o tempo da lua cheia (Ex. 12.8; ver também Is. 30.29). Os judeus tinham duas tardes. A primeira era às 15h (a hora nona, hora em que Jesus morreu – Mt. 27.46) e a segunda às 18h, ou quase no pôr-do-sol. De acordo com a ortodoxia judaica, o abate do animal ocorria ao aproximar-se a noite.

- A *Mishna* (Tradição oral do judaísmo reduzida a escrito) diz-nos que era apropriada qualquer hora depois do meio-dia para esse abate. Os samaritanos, os caraítas e os saduceus especificavam o crepúsculo, antes de as trevas absolutas cobrirem a terra. A prática original por certo era consumir o cordeiro pascal durante a noite. Josefo explicou que, em seus dias, o sacrifício tinha lugar entre a nona e a décima primeira horas (entre as 15 horas e as 17 horas).

- Os israelitas deveriam comer a páscoa com os lombos cingidos (com o cinto para prender a roupa, que era larga), os sapatos nos pés, o cajado na mão e apressadamente (Ex. 12.11). Ou seja, comiam vestidos e prontos para viajar. Já tinham estado no Egito por tempo bastante. Um novo lar e um novo destino esperavam por eles.

- As sandálias usualmente eram tiradas por ocasião das festividades e dias santos (ver Gn. 18.4,5; Lc. 7.44; Jo. 13.5). Na páscoa, porém, essa situação era revertida.
- O cajado era companhia constante dos viajantes, seu apoio e ajuda, e, ocasionalmente, sua defesa contra algum animal ou bandido que porventura atacassem (ver Sl. 23.4).
- Esta linguagem figurativa indica a necessidade de obediência irrestrita e imediata da parte do povo de Deus. Naquela noite, obedecer a Deus fez toda a diferença pra os israelitas, foi uma questão de vida ou morte.
- Comer o banquete da Páscoa vestidos e prontos para a viagem era um sinal de fé dos hebreus. Embora não estivessem ainda livres, eles precisavam estar preparados, porque Deus havia dito que os tiraria do Egito. Demonstramos nossa fé quando nos preparamos para o cumprimento das promessas de Deus, por mais improváveis que estas possam parecer.

### **Os elementos da Páscoa:**

- O pão: simboliza a vida. Jesus se identificou como o “pão da vida” (Jo. 6.35). O partir do pão na Ceia do Senhor traz à nossa memória o sacrifício vicário de Cristo. O pão deveria ser assado sem fermento pois não havia tempo para esperar que ele crescesse, o que simboliza a purificação, pois o fermento representa as falsas doutrinas e o pecado (1Co. 5.6-8). Jesus usou o fermento para ilustrar o falso ensino dos fariseus (Mt. 16.6,11,12, Lc. 12.1, Mc. 8.15).
- Originalmente, o *matzoth* (ou *matsah*), a festa dos pães asmos, era distinto da páscoa. Porém, havia uma festa preliminar e primitiva dos pães asmos, em conjunção com a páscoa.
- As ervas amargas: simbolizavam toda a aflição enfrentada no cativeiro. Foram 430 anos de opressão, dor, angústia, quando os hebreus eram cativos do Egito. Tipologicamente, apontavam para os sofrimentos de Cristo. A *Mishna* dá os ingredientes necessários.
- O cordeiro: simbolizava a necessidade de derramamento de sangue para expiação do pecado. Cristo é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo. 1.29). O cordeiro precisava ser sem defeito, representando Cristo, que morreu sem pecado (ver 1Pe. 1.19 e Jo. 1.29). O seu sangue protegeria os hebreus da morte dos primogênitos, assim como o sangue de Cristo nos livra da morte em razão do pecado.
- Cada cordeiro seria morto para um certo número de pessoas, as quais, juntas, deveriam observar a páscoa. Os rabinos não permitiam menos de dez pessoas para um cordeiro e não mais de vinte.
- Originalmente, aceitava-se tanto o cordeiro (filho de ovelha) quanto o cabrito (filhote de cabra, Ex. 12.5); depois se tornou tradicional servir um cordeiro.
- O cordeiro ou cabrito teria que ser um animal que já tivesse completado seu primeiro ano de vida, ou que ainda estivesse dentro de seu primeiro ano de vida, sem ter ainda atingido essa idade. A Septuaginta fala em um ano completo, o que tem levado a maioria dos estudiosos a pensar em uma idade exata do animal a ser sacrificado. Mas há quem suponha que a prática original fosse abater um cordeiro ainda bem novo, talvez com apenas algumas semanas de nascido.

- O animal a ser sacrificado era separado do rebanho no décimo dia do mês, e, então, guardado para o sacrifício por quatro dias. O décimo quarto dia era o dia do sacrifício do cordeiro da páscoa. Qualquer pessoa poderia matá-lo. Talvez esse período intermediário de quatro dias desse ao povo tempo amplo para que as pessoas se certificassem de que o animal não tinha defeito. Tipologicamente falando, de acordo com alguns intérpretes, isso mostra Cristo preservado em Sua infância, enquanto estava sendo preparado para Sua missão expiatória.
- O sangue era porção do sacrifício que, de acordo com a antiga crença, destinava-se ao poder divino (ver Lv. 1.5). Originalmente, o sangue foi aplicado às ombreiras e à verga da porta de cada casa, ou seja, a parte mais santa e dedicada da casa (Lv. 21.6; Dt. 6.9). No dia da matança dos primogênitos no Egito, isso atuou como uma medida protetora contra o anjo destruidor, que, vendo o sangue aplicado, passaria por sobre a casa assim protegida.
- O mesmo anjo destruidor (o Anjo de *Yahweh*) que matou os primogênitos do Egito também foi o anjo protetor de Israel. Assim foi e assim será sempre: escolhemos como o Poder Divino haverá de relacionar-se conosco. No caso dos israelitas, o cordeiro era morto em lugar dos filhos primogênitos, o que aponta para o poder vicário do sacrifício de Cristo.
- Talvez o sangue também simbolizasse um laço que congregava a família e a comunidade, tendo-se tornado assim um sinal do pacto que todos eles compartilhavam com Deus.
- A proibição ao consumo de sangue não permitia que a carne fosse comida crua. O cordeiro deveria ser assado (Ex. 12.8), não cozido (Ex. 12.9), nem em água, nem em leite, como era costume na época. Mas Dt. 16.7 parece sugerir que a carne cozida era uma alternativa para a carne assada. Em suas condições primitivas, no deserto, o povo de Israel podia assar o cordeiro com mais facilidade do que usar qualquer outra forma de cozimento. Posteriormente, porém, os cordeiros eram cortados em pedaços e cozidos (1Sm. 2.14,15).
- O carneiro era assado no fogo, incluindo a cabeça, os pés e a fressura. Fressura é o conjunto de vísceras do animal, ou seja, coração, fígado, bucho, pulmão etc. Alguns dizem que o canal intestinal não está incluído, não devendo ser ingerido. As vísceras deveriam ser tiradas, limpas cuidadosamente, e repostas em seu lugar.
- O fato de que o cordeiro tinha de ser preparado e consumido inteiro, apontava para a obra divina completa e perfeita, o perfeito sacrifício expiatório de Cristo.
- Justino Mártir disse que o animal era preparado para ser usado mediante o uso de dois espetos de madeira, um perpendicular e outro transversal, formando uma espécie de cruz, o que, sem dúvida, tipifica mui aptamente o Cristo crucificado.
- A *Mishna* diz que o cordeiro era assado mediante o uso de um espeto de madeira de romãzeira, que atravessava a carcaça. Não eram permitidos nem metais e nem grelhas. Segue uma foto da forma como o cordeiro era assado, onde se pode ver a semelhança com a cruz de Cristo:



- Intérpretes judeus chegaram a debater se o animal deveria ser assado com suas pernas dobradas dentro ou fora da carcaça. Isso parecia importante para eles, embora para nós seja algo inteiramente sem valor. Fato é que o cordeiro deveria ser assado sem que nenhum osso fosse quebrado (Ex. 12.46; cf. com a experiência de Jesus, em Jo. 19.32-36).

- Coisa alguma podia restar do cordeiro pascal; mas, se porventura sobrasse, isso teria de ser queimado, sem sobrar nenhuma porção da carne. A razão disso é que coisa alguma do sacrifício sagrado podia ser consumido com propósitos profanos, como almoçar no dia seguinte. Ademais, ao escapar do Egito para o deserto, Israel não seria capaz de levar consigo almoços extras. Tinham de caminhar o mais desimpedidos que fosse possível. Ainda mais, era um sacrifício noturno que não permitia que nada sobrasse até a luz do dia seguinte.

- Na literatura clássica há um paralelo geral do v. 10 do cap. 12 do livro de Êxodo. Catão referiu-se a um certo G. Albidius que queimou todos os vestígios de seu sacrifício por motivo da *propter viam*, ou seja, uma viagem apropriada e próspera, que ele faria no dia seguinte. Cumprir de modo absoluto o sacrifício era reputado como algo que agradava aos deuses, que então concederiam uma jornada próspera.

#### **A celebração da última ceia de Jesus:**

- Preparativos: Jesus mandou Pedro e João prepararem a Páscoa; eram os dois discípulos mais chegados de Jesus; observar o privilégio deles de serem os mais chegados.
- É de se ressaltar o privilégio das pessoas que viveram na Palestina nos tempos de Jesus: puderam ver a Jesus face a face; mas muitas não deram valor a esse privilégio e não se preocuparam nem em ver Jesus.
- Nicodemos, ao contrário, teve ao menos a curiosidade de ir ver e ouvir Jesus; mesmo com medo, à noite, ele foi ver Jesus; melhor ainda foi Zaqueu, que se esforçou para ver Jesus e saiu convertido do encontro.
- A Bíblia diz que uma multidão seguia a Jesus (Mt. 4.25); hoje também há uma multidão que segue a Jesus; que bom que fazemos parte desta multidão; mas a Bíblia também diz que Jesus escolheu doze discípulos, para que estivessem com ele (Mc. 3.14); melhor do que simplesmente seguir a Jesus, devemos estar sempre com Ele.
- Entretanto, em momentos mais delicados da Sua vida terrena, Jesus sempre escolhia três dos Seus discípulos, os que Lhe eram mais chegados: Pedro, Tiago e João; ex: na transfiguração, Jesus só levou para o monte os 3 (Mt. 17.1-2); na cura da filha de Jairo, só os 3 puderam entrar no quarto da menina (Mc. 5.37); quando Jesus proferiu seu sermão escatológico, só os 3 estavam com ele (Mc. 13.3); no Getsêmani, só os 3 foram mais perto do local onde Jesus se angustiou (Mc. 14.33).
- Pedro, Tiago e João eram os discípulos mais chegados de Jesus, aqueles que estavam mais próximos do Mestre, aqueles que viam Seus maiores milagres, aqueles que ouviam Suas mais íntimas confidências; melhor ainda do que estar sempre com Jesus é sermos íntimos de Jesus, é ter Jesus como um amigo muito chegado.
- Mas o evangelista João fala ainda de um discípulo a quem Jesus amava (Jo. 19.26; 20.2; 21.7), aquele que se recostou sobre o peito de Jesus na Ceia, que era o próprio João; pensemos no privilégio de João ao andar tão próximo a Jesus a ponto de poder se recostar sobre o seu peito!
- João era o discípulo amado, não porque ele fosse melhor do que os outros, não porque Jesus gostasse mais dele do que dos outros, mas certamente porque ele procurava estar mais perto de Jesus do que os outros; se queremos ser um discípulo amado por Jesus, procuremos estar mais perto de Jesus, ter intimidade com ele, a ponto de, como João, recostar-se sobre o peito de Jesus
- Como podemos ter mais intimidade com Jesus? Passando tempo ao lado dEle, falando com Ele, ouvindo Ele falar comigo; ou seja, orando e lendo a Bíblia.
- Isso tudo foi dito para que observemos uma coisa: Jesus comissionou os seus discípulos mais chegados para prepararem a Ceia; isso mostra a importância da Ceia para Cristo; vejam o que Ele mesmo disse no v. 15: “Desejei muito comer convosco esta Páscoa”.
- Jesus manteve em segredo aos demais discípulos o local onde seria a cerimônia da Páscoa, provavelmente para que Judas, que já havia colocado no seu coração a traição, não o traísse naquele local e naquele momento. Jesus deixou claro que Ele daria a Sua vida, ninguém a tomaria (Jo. 10.17-18). Portanto, Ele daria a Sua vida na hora e no local que Ele quisesse.

- O quadro famoso que retrata a Ceia de Jesus com Seus discípulos, de Leonardo Da Vinci (vide abaixo), onde todos aparecem à volta de uma mesa (curiosamente, todos de um só lado da mesa), é, naturalmente, falso.
- A uma, porque à época não existiam mesas com cadeiras, da forma como as conhecemos hoje. Os judeus comiam deitados no chão, debruçados sobre mesas baixas, tais como a retratada abaixo.
- Bem por isso é que, no v. 14, o verbo traduzido por “pôs-se” é *anapipto*, que significa “reclinar”. Portanto, Jesus e os discípulos **reclinaram-se** à mesa.
- A duas, porque o quadro retrata judeus (incluindo Jesus) como pessoas loiras, de cabelos claros e longos, o que de modo algum corresponde ao biotipo judeu.
- É de se notar que Jesus celebrou a páscoa um dia antes do dia determinado, já que, no dia seguinte, não lhe seria possível fazê-lo, em razão de sua prisão.
- No início da refeição Judas ainda estava com eles, tendo se ausentado depois. Portanto, reclinaram-se à mesa, inicialmente, Jesus e os doze apóstolos.
- A Ceia é tão importante que Jesus só vai comer a próxima quando nós chegarmos lá no céu (v. 16); nós participamos da ceia para lembrarmos de Cristo, mas Ele mesmo, lá no céu, está nos aguardando chegar lá, para só então participar da Ceia novamente.
- Jesus queria e quer muito ter comunhão com Seus discípulos; Ele quer ter comunhão conosco hoje.
- Tem crente por aí que não dá importância à Ceia do Senhor, falta ao culto de ceia sem motivo, faz pouco caso da Ceia do Senhor; mesmo quando vem ao culto, vem de qualquer jeito, sem atentar para o fato de que está participando de uma festa com Cristo.
- Jesus quer ter comunhão com ele, mas ele não faz questão de ter comunhão com Cristo; Jesus quer ter comunhão com cada um de nós; não devemos fazer pouco caso disso.
- Observemos o milagre na preparação: Jesus, cheio do Espírito Santo, previu tudo, exatamente como os discípulos iriam encontrar para prepararem a Ceia.
- Era absolutamente incomum que um homem carregasse um cântaro de água. Primeiro, porque a função de buscar água era das mulheres. Segundo, porque os homens normalmente usavam baldes, não jarros. Sendo assim, Jesus usou essa situação incomum para indicar aos discípulos que Ele estava no controle da situação.
- Este é mais um dos milagres de Jesus que a gente pouco se dá conta (assim como ocorre com o milagre da movimentação das águas no tanque de Siloé, e com a alimentação da multidão dos judeus no deserto); Jesus também faz milagres na nossa vida hoje que a gente pouco se dá conta.

### **Cristo, nossa Páscoa:**

- Nossa fome espiritual só pode ser saciada por Jesus. Ele é o pão da vida, e o que vai a Ele não tem fome (Jo. 6.35).



- Assim como nos alimentamos materialmente várias vezes por dia, também precisamos nos alimentar espiritualmente constantemente.
- Assim como nenhum osso do cordeiro poderia ser quebrado (Ex. 12.46), nenhum osso de Cristo foi partido (Jo. 19.33-36).
- O sangue de Cristo derramado provê a salvação para toda a humanidade, como o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (Jo. 1.29,36; Is. 53.7; At. 8.32-35; 1Co. 5.7; Ap. 13.8). Todos que quiserem se colocar sob o sangue de Cristo estarão protegidos da morte espiritual. Assim como algum egípcio pode ter sido liberto da matança dos primogênitos se tiver se refugiado em alguma casa dos judeus protegida pelo sangue do cordeiro<sup>1</sup>, também pode qualquer pessoa hoje se livrar da condenação pelo pecado, colocando-se sob o manto protetor do sangue de Cristo.
- Cristo tornou-se o nosso cordeiro pascal, o sacrifício perfeito pelos nossos pecados, e, por Seu sangue, todo pecado pode ser purificado (Ef. 1.7; Hb. 9.22; Ap. 1.5). Uma vez que Ele nos libertou da escravidão do pecado, não devemos nos relacionar com os pecados do passado (“fermento velho”).
- A totalidade do sacrifício (o seu uso por inteiro) tipificasse Cristo em Sua completa pessoa divino-humana, o qual realizou um sacrifício perfeito, uma expiação sem o mínimo defeito. Cristo cumpriu a Sua missão nos papéis de Profeta, Sacerdote e Rei, e isso de modo perfeito.
- A Ceia do Senhor é um memorial, para nos lembrarmos que Cristo morreu na cruz por nós, para nos salvar da morte eterna que decorreria naturalmente dos nossos pecados. Devemos participar da Ceia com a mesma reverência que foi exigida dos judeus ao participarem da Páscoa.
- A penalidade imposta contra aqueles que ingeriam pão levedado, durante a festa dos Pães Asmos era o castigo de açoites. E isso mostrava para os judeus quão séria era a questão. Ora, se era tão importante para um judeu observar uma mera cerimônia, um ritual, nós também precisamos considerar importante a observância do ritual da Ceia do Senhor. Observe-se que a penalidade para o descaso com a Ceia é tão grave quanto era para os judeus o comer pão levedado na festa dos Pães Asmos (ler 1Co. 11.29-30).

### **A Páscoa do Cristão:**

- A Páscoa do cristão é a ceia do Senhor; não é coelhinho, não é chocolate, não é ovo de páscoa; é a ceia do Senhor; Páscoa é comunhão, com Cristo e com a igreja.
- E o que é a ceia? A ceia pode ser considerada em 3 aspectos, em 3 momentos:

---

<sup>1</sup> A Bíblia nada fala a este respeito, mas é possível supor que algum egípcio tenha crido em Deus e salvo seu primogênito se protegendo em alguma casa hebréia protegida pelo sangue de Cristo. Dois fatos nos permitem essa suposição: 1) em Ex. 9.20-21, vemos que alguns servos de Faraó temeu a palavra do Senhor e se livrou da praga da saraiva; 2) por ocasião do êxodo, saiu do Egito, junto com os judeus, uma “mistura de gente” (Ex. 12.38), que era, provavelmente, egípcios que creram no Deus de Israel e resolveram se juntar ao povo judeu para servir ao Senhor.

- 1º. aspecto: ceia como ato memorativo; remete ao passado, ao que Cristo sofreu na cruz por nós; por isso Ele diz: “fazei isto em memória de mim” (Lc. 22.19); ou seja, toda vez que tomamos a ceia devemos rememorar o que Ele fez por nós.
- Consideremos o sacrifício de Cristo: vinda como homem, despojando-se da Sua glória; suportou as nossas imperfeições, fraquezas, traições; venceu tentações; enfrentou a morte, e a pior morte.
- 2º. aspecto: ceia como ato de comunhão: refere-se ao presente, à comunhão que devemos ter com Cristo e com a igreja.
- 3º. aspecto: ceia como ato de esperança: refere-se ao futuro, à esperança de que vamos morar com Ele no céu um dia; por isso Paulo diz: “anunciais a morte do Senhor, até que venha” (1Co. 11.26).
- Devemos ter esperança na volta de Cristo, devemos desejar ardentemente a volta de Cristo; Paulo, escrevendo a Timóteo já no finalzinho da sua vida, diz que a coroa da justiça está guardada, não apenas para ele, mas para todos que amarem a vinda do Senhor (2Tm. 4.8).
- Será que amamos realmente a vinda do Senhor? Ou a vida aqui na Terra já está tão boa que Jesus pode demorar um pouco mais para voltar? Vale refletirmos!

### **Os elementos da última ceia:**

- Lucas mencionou duas taças de vinho, uma aqui no v. 17 e outra no v. 20, quanto Mateus e Marcos mencionaram apenas uma. Mas não nos parece haver divergência entre os textos. A primeira menção de Lucas, aqui no v. 17, parece ser genérica. Parece que a comparação que Jesus fez do vinho com o Seu sangue ocorreu depois da comparação do pão com o Seu corpo; portanto, a menção do v. 20 é a que equivale à menção única de Mateus e de Marcos.
- De toda sorte, convém lembrar que na refeição tradicional da Páscoa, o vinho é servido quatro vezes. Portanto, não há nada de errado na dupla referência de Lucas, nem na referência única de Mateus e Marcos. Jesus deve ter tomado o cálice quatro vezes, como era costume; Lucas mencionou duas dessas quatro vezes; e Mateus e Marcos mencionaram apenas a última delas.
- O que Jesus e os discípulos beberam na ceia da Páscoa é chamado o cálice ou o cálice de bênção (v. 17; Mt. 26.27; Mc. 14.23; 1Co. 10.16; 11.25) e o fruto da vide (v. 18; Mt. 26.29; Mc. 14.25).
- As evidências bíblicas apóiam a posição de que o suco de uva não estava fermentado na Ceia do Senhor. Entretanto, ainda que estivesse ele fermentado (transformado, portanto, em vinho, no sentido que hoje damos a essa expressão), tal fato não faz a menor diferença para o propósito aqui trazido. Fermentado ou não, o fruto da vide é um símbolo do sangue de Cristo derramado na cruz.
- Note-se que o fato de a Bíblia empregar frequentemente a palavra “vinho” para se referir ao fruto da vide também não é um indicativo de que se tratava de produto fermentado (o vinho que hoje conhecemos), pois as várias expressões bíblicas, hebraicas e gregas, são indistintamente

traduzidas por “vinho”, mesmo quando não fermentadas, e mesmo até quando ainda nem retirada a uva do cacho (Is. 65.8).

- Portanto, não se deve retirar daí uma suposta permissão para a ingestão de bebidas com teor alcoólico. Embora a Bíblia não contenha uma proibição expressa e geral à ingestão de qualquer bebida alcoólica, a embriaguez é condenada em vários textos bíblicos, em ambos os testamentos (Dt. 21.20-21; 29.19-21; 1Sm. 1.14; Pv. 23.20,29-35; 31.4-6; Is. 5.11-22; 28.1-8; Am. 6.1-6; HC. 2.15-17; Lc. 21.34; Rm. 13.13; 1Co. 5.11; 6.9-10; Gl. 5.-19-21; Ef. 5.18; 1Ts. 5.7-8).

- Existem três entendimentos diferentes acerca do significado da comemoração da Ceia do Senhor: 1) transubstanciação: o pão e o vinho se tornam realmente o corpo e o sangue de Cristo; 2) consubstanciação: o pão e o vinho permanecem inalterados; contudo, Cristo está espiritualmente presente pela fé; 3) o pão e o vinho permanecem inalterados, e a Ceia é um memorial do sacrifício de Cristo.

- Qualquer que seja a opinião prevalecente, todos os cristãos concordam que a Ceia do Senhor comemora a morte de Cristo na cruz para nos redimir e aponta para a vinda de Seu Reino em glória. Quando participamos da Ceia, mostramos a nossa profunda gratidão pela obra de Cristo a nosso favor, e nossa fé é fortalecida.

### **Texto áureo:**

#### **1CORÍNTIOS 5**

**7 Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós.**

- Quando os hebreus se prepararam para o êxodo da escravidão no Egito, foi-lhes ordenado que preparassem o pão sem fermento porque não tinham tempo para esperar que ele crescesse. E como o fermento era também um símbolo do pecado, foi-lhes ordenado que o eliminassem de suas casas (Ex. 1.15; 13.7).

- Cristo é o nosso Cordeiro pascal, o sacrifício perfeito pelos nossos pecados. Uma vez que Ele nos libertou da escravidão do pecado, não devemos nos relacionar com os pecados do passado (“fermento velho”).

- Assim como era costume dos judeus, antes da Páscoa, limpar todo o fermento de suas casas, da mesma forma a igreja aqui é advertida a retirar as práticas imorais de seu meio.

- Cristo tornou-se o nosso cordeiro pascal e, por seu sangue, todo pecado pode ser purificado (Ef. 1.7; Hb. 9.22; Ap. 1.5).

### **Texto da leitura bíblica em classe:**

#### **LUCAS 22**

**7 Chegou, porém, o dia da Festa dos Pães Asmos, em que importava sacrificar a Páscoa.**

- O dia da Festa dos Pães Asmos judeu equivale ao nosso pôr-do-sol da terça-feira até o pôr-do-sol da quinta-feira que antecede a Páscoa; ou seja, o dia da preparação para a páscoa. Foi o dia da

última ceia, da traição, da experiência no Getsêmani, da prisão, do julgamento, da crucificação e do sepultamento de Jesus (Mt. 26.14 – 27.66; Mc. 14.10 – 15.47; Lc. 22.1 – 23.56; Jo. 13.1 – 19.42).

### **8 E mandou a Pedro e a João, dizendo: Ide, preparai-nos a Páscoa, para que a comamos.**

- A refeição da Páscoa incluía o sacrifício de um cordeiro, por causa da associação com o êxodo do Egito. Quando os hebreus se preparavam para partir, Deus lhes disse que matassem um cordeiro e marcassem com o sangue do animal os umbrais das portas de suas casas. Depois, deveriam preparar a carne, que lhes serviria de alimento. No episódio da última ceia, Pedro e João tiveram de comprar e preparar o cordeiro, pão sem fermento, ervas, vinho e outros alimentos cerimoniais.

### **9 E eles lhe perguntaram: Onde queres que a preparemos?**

- Jesus manteve em segredo aos demais discípulos o local onde seria a cerimônia da Páscoa, provavelmente para que Judas, que já havia colocado no seu coração a traição, não o traísse naquele local e naquele momento. Jesus deixou claro que Ele daria a Sua vida, ninguém a tomaria (Jo. 10.17-18). Portanto, Ele daria a Sua vida na hora e no local que Ele quisesse.

### **10 E ele lhes disse: Eis que, quando entrardes na cidade, encontrareis um homem levando um cântaro de água; segui-o até à casa em que ele entrar.**

- Era absolutamente incomum que um homem carregasse um cântaro de água. Primeiro, porque a função de buscar água era das mulheres. Segundo, porque os homens normalmente usavam baldes, não jarros. Sendo assim, Jesus usou essa situação incomum para indicar aos discípulos que Ele estava no controle da situação.

### **11 E direis ao pai de família da casa: O mestre te diz: Onde está o aposento em que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?**

- A providência divina já havia “combinado” com o dono da casa a realização da ceia naquele local. Certamente por inspiração divina, o homem já sabia que Jesus usaria o seu ambiente e já o reservou para essa finalidade.

### **12 Então, ele vos mostrará um grande cenáculo mobilado; aí fazei os preparativos.**

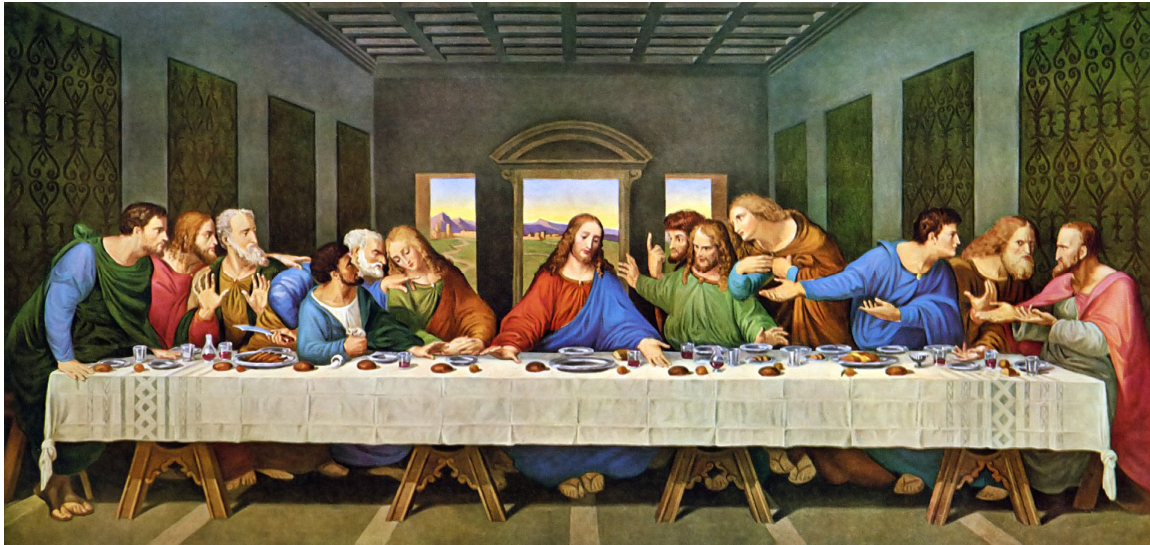
- A palavra “cenáculo”, aqui empregada, é tradução do grego *anogeon*, que significa “acima do chão”, “o primeiro andar de um edifício”. A maior parte das casas daquela época tinha um aposento no teto (algo como um sótão), com escadas pelo lado de fora (2Rs. 1.2; 23.12; 2Cr. 3.9; Ez. 42.5; Mc. 14.15; At. 1.13; 9.37-39; 20.8). Geralmente, era bem mobiliado e com vários tapetes, se pertencesse a algum rico.

- Alguns estudiosos supõem que esse cenáculo ficava na casa de João Marcos, que se tornou um local de reunião da igreja primitiva (At. 1.13; 12.12). Na páscoa, era costumeiro que as casas em

Jerusalém tivessem cômodos preparados para as várias pessoas que iam celebrá-la, vindas de todas as partes de Israel.

- O termo “mobilado”, ou “mobiado”, significa, provavelmente, que havia no cenáculo muitos divãs e almofadas para os convidados se reclinarem enquanto estavam comendo.

- O quadro famoso que retrata a Ceia de Jesus com Seus discípulos, de Leonardo Da Vinci (vide abaixo), onde todos aparecem à volta de uma mesa (curiosamente, todos de um só lado da mesa), é, naturalmente, falso.



- A uma, porque à época não existiam mesas com cadeiras, da forma como as conhecemos hoje. Os judeus comiam deitados no chão, debruçados sobre mesas baixas, tais como estas:



- Bem por isso é que, no v. 14, o verbo traduzido por “pôs-se” é *anapipto*, que significa “reclinar”. Portanto, Jesus e os discípulos **reclinaram-se** à mesa.

- A duas, porque o quadro retrata judeus (incluindo Jesus) como pessoas loiras, de cabelos claros e longos, o que de modo algum corresponde ao biotipo judeu.

### **13 E, indo eles, acharam como lhes havia sido dito; e prepararam a Páscoa.**

- Tudo aconteceu como Jesus havia previsto, pois o Seu desígnio era orientado pelo Espírito Santo.
- A Páscoa era a comemoração da saída de Israel do Egito. Naquela ocasião, o sangue de um cordeiro nos umbrais das portas salvou os primogênitos da morte. Este acontecimento pressagiou a obra de Jesus na cruz. Como o Cordeiro imaculado de Deus, Seu sangue seria derramado, a fim de salvar Seu povo do castigo da morte pelo pecado.

### **14 E, chegada a hora, pôs-se à mesa, e, com ele, os doze apóstolos.**

- É de se notar que Jesus celebrou a páscoa um dia antes do dia determinado, já que, no dia seguinte, não Lhe seria possível fazê-lo, em razão de sua prisão.
- No início da refeição Judas ainda estava com eles, tendo se ausentado depois. Portanto, reclinaram-se à mesa, inicialmente, Jesus e os doze apóstolos.
- Os Testemunhas de Jeová dizem que a ceia do Senhor é uma “refeição noturna do Senhor” e somente os indivíduos da classe dos “ungidos” podem participar de seus elementos. Os demais seguidores, pertencentes à classe das “outras ovelhas”, são excluídos desse banquete, por serem considerados indignos.
- Contudo, Jesus ensinou que todos os que nele crêem devem participar da ceia (cf. 26.27 – “bebei dele todos”). Em 1Co. 11.23-26, Paulo não faz distinção entre os irmãos; antes, afirma que todos aqueles que se sentissem dignos deveriam participar da ceia. O apóstolo tampouco determina um número limitado de membros que podiam participar da igreja de Corinto. Portanto, o ensino dos Testemunhas de Jeová nada mais são do que preceitos de homens (Mt. 15.9).

### **15 E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça,**

- Jesus demonstra a importância da Ceia ao manifestar Seu desejo de comer com os discípulos nessa que seria a última oportunidade aqui na Terra. É curioso ver que muitos cristãos fazem pouco caso disso, deixando de participar da Ceia por motivos tão irrelevantes.

### **16 porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no Reino de Deus.**

- Esta profecia indica que a igreja comerá a Páscoa (ou, mais precisamente, a Ceia, conforme comentários ao v. 17) com Cristo no reino eterno.

### **17 E, tomando o cálice e havendo dado graças, disse: Tomai-o e reparti-o entre vós,**

- Jesus instituiu neste ato a “Ceia do Senhor”, como que em substituição à instituição da Páscoa. Assim, neste ato temos, a um só tempo, a última Páscoa e a primeira Ceia.
- Lucas mencionou duas taças de vinho, uma aqui no v. 17 e outra no v. 20, quanto Mateus e Marcos mencionaram apenas uma. Mas não nos parece haver divergência entre os textos. A

primeira menção de Lucas, aqui no v. 17, parece ser genérica. Parece que a comparação que Jesus fez do vinho com o Seu sangue ocorreu depois da comparação do pão com o Seu corpo; portanto, a menção do v. 20 é a que equivale à menção única de Mateus e de Marcos.

- De toda sorte, convém lembrar que na refeição tradicional da Páscoa, o vinho é servido quatro vezes. Portanto, não há nada de errado na dupla referência de Lucas, nem na referência única de Mateus e Marcos. Jesus deve ter tomado o cálice quatro vezes, como era costume; Lucas mencionou duas dessas quatro vezes; e Mateus e Marcos mencionaram apenas a última delas.

### **18 porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o Reino de Deus.**

- O que Jesus e os discípulos beberam na ceia da Páscoa é chamado o cálice ou o cálice de bênção (v. 17; Mt. 26.27; Mc. 14.23; 1Co. 10.16; 11.25) e o fruto da vide (v. 18; Mt. 26.29; Mc. 14.25).

- As evidências bíblicas apóiam a posição de que o suco de uva não estava fermentado na Ceia do Senhor. Entretanto, ainda que estivesse ele fermentado (transformado, portanto, em vinho, no sentido que hoje damos a essa expressão), tal fato não faz a menor diferença para o propósito aqui trazido. Fermentado ou não, o fruto da vide é um símbolo do sangue de Cristo derramado na cruz.

- Note-se que o fato de a Bíblia empregar frequentemente a palavra “vinho” para se referir ao fruto da vide também não é um indicativo de que se tratava de produto fermentado (o vinho que hoje conhecemos), pois as várias expressões bíblicas, hebraicas e gregas, são indistintamente traduzidas por “vinho”, mesmo quando não fermentadas, e mesmo até quando ainda nem retirada a uva do cacho (Is. 65.8).

- Portanto, não se deve retirar daí uma suposta permissão para a ingestão de bebidas com teor alcoólico. Embora a Bíblia não contenha uma proibição expressa e geral à ingestão de qualquer bebida alcoólica, a embriaguez é condenada em vários textos bíblicos, em ambos os testamentos (Dt. 21.20-21; 29.19-21; 1Sm. 1.14; Pv. 23.20,29-35; 31.4-6; Is. 5.11-22; 28.1-8; Am. 6.1-6; HC. 2.15-17; Lc. 21.34; Rm. 13.13; 1Co. 5.11; 6.9-10; Gl. 5.-19-21; Ef. 5.18; 1Ts. 5.7-8).

### **19 E, tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isso em memória de mim.**

- O ato de partir o pão simboliza o corpo de Cristo “partido” na cruz por nós, para nossa salvação (Mt. 26.26; 1Co. 10.16; 11.24-29; Is. 52.14; 53.4-5; 1Pe. 2.24).

- Jesus pediu aos discípulos para comerem o pão que era partido em memória dEle, pois desejava que se lembrassem de Seu sacrifício, como condição para o perdão dos pecados e para a comunhão da qual continuariam a desfrutar por meio da obra do Espírito Santo.

- Existem três entendimentos diferentes acerca do significado da comemoração da Ceia do Senhor: 1) transubstanciação: o pão e o vinho se tornam realmente o corpo e o sangue de Cristo; 2) consubstanciação: o pão e o vinho permanecem inalterados; contudo, Cristo está espiritualmente presente pela fé; 3) o pão e o vinho permanecem inalterados, e a Ceia é um memorial do sacrifício de Cristo.

- Qualquer que seja a opinião prevalecente, todos os cristãos concordam que a Ceia do Senhor comemora a morte de Cristo na cruz para nos redimir e aponta para a vinda de Seu Reino em glória. Quando participamos da Ceia, mostramos a nossa profunda gratidão pela obra de Cristo a nosso favor, e nossa fé é fortalecida.

## **20 Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós.**

- Com as palavras “o Novo Testamento no meu sangue”, Jesus anuncia o novo concerto ou testamento, firmado mediante a sua morte sacrificial (cf. Mt. 26.28; 1Co. 11.25; Jr. 31.31). A nova aliança tornou-se eficaz somente pela morte de Cristo (Hb. 9.15-18). Os discípulos ingressaram na nova aliança quando foram regenerados pelo Espírito Santo, que passou a neles habitar na tarde do dia da ressurreição de Jesus. Depois, foram batizados com o Espírito Santo no dia de Pentecoste.

- Na época do Antigo Testamento, Deus concordou em perdoar as faltas do pecador se este levasse animais para serem sacrificados pelos sacerdotes. Quando este sistema sacrificial foi instituído, o acordo entre Deus e Seu povo foi selado com o sangue de animais (Ex. 24.8). Mas o sangue em si não tirava o pecado; só Deus pode perdoar pecados. Por isso o sacrifício de animais era repetido dia após dia, ano após ano.

- Jesus, contudo, instituiu uma nova aliança entre Deus e Seu povo. Sob este novo pacto, Jesus morreria no lugar dos pecadores. Diferentemente do sangue de animais, o sangue de Jesus removeria os pecados de todos aqueles que depositassem sua fé nEle, pois Ele era santo e imaculado. O sacrifício de Jesus jamais seria repetido, permanece válido por toda a eternidade (Hb. 9.23-28). Por isso os profetas esperaram ansiosamente por essa nova aliança, que cumpriria o antigo acordo sacrificial (Jr. 31.31-34), e João Batista referiu-se a Jesus como “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo. 1.29).

### **Referências bibliográficas:**

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A última ceia**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.



- GONÇALVES, José. **Lições bíblicas: Jesus, o homem perfeito – o Evangelho de Lucas, o médico amado.** Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- GONÇALVES, José. **Lucas, o Evangelho de Jesus, o homem perfeito.** Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento.** Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **A última ceia.** Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês.** Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **A última ceia.** Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **A última ceia.** Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe.** Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2005.